



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre

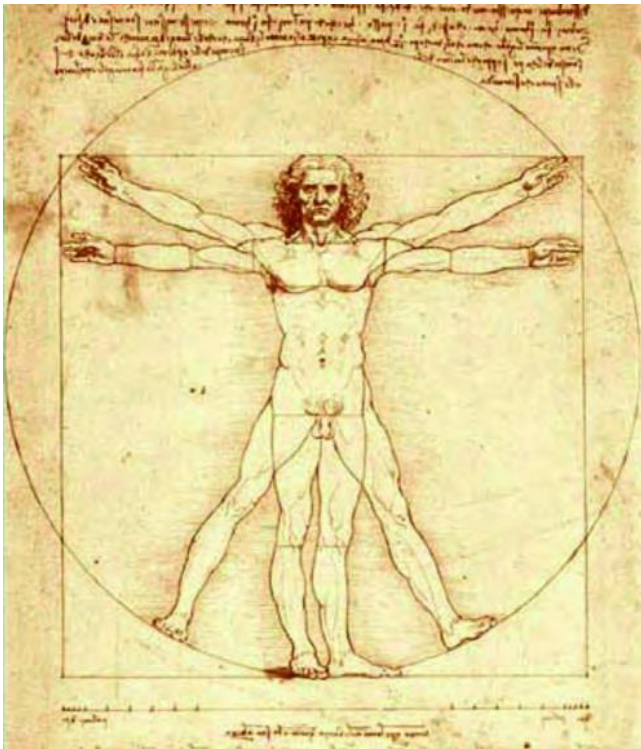


Situação de Aprendizagem 15

O HOMEM QUEM É ELE? HOMEM CONCRETO E O EXISTENCIALISMO

1. Introdução

Definir o ser humano é o objetivo da antropologia filosófica. Todo conhecimento produzido, em qualquer área, em qualquer época, tem implícita uma concepção de homem. Toda obra de arte, reflexão ou ação traz subjacente essa grande questão, que não pode ser abandonada sem o risco de desperdiçar uma atividade exclusiva da criatura humana – a capacidade de refletir sobre sua própria essência e existência.



Leonardo da Vinci. O homem visto como objeto do conhecimento

determinações naturais e não é percebido como ser autônomo, capaz de gerir seu destino.

A terceira concepção, a histórico-social, entende o homem como um processo, valorizado na sua existência pessoal e concreta. Vê-se, então, o homem como alguém no espaço e no tempo, marcado pela singularidade e pela possibilidade de realização. O homem enquanto processo implica a marca do inacabamento, pois não se nasce pronto, não se “nasce homem”. Nesse sentido, é descoberto o ser social e podemos afirmar que a humanidade constrói, ou inverte, sua própria humanidade.

2. Três Principais Concepções

Encontramos três principais concepções de homem nas tradições filosóficas: a concepção metafísica, a naturalista e a histórico-social. Em geral, pensadores optam por uma delas, excluindo as demais; o que é natural, porque tais concepções parecem contradizer-se mutuamente. Porém, não podemos esquecer que o homem pode ser definido por uma complexidade de dimensões, o que nos permite afirmar que certas definições de ser humano sejam complementares.

A concepção metafísica vê o homem a partir de uma essência imutável, apesar da distinção entre os homens. Baseada no platonismo, essa ideia predominou na Idade Média e permanece válida para o pensamento religioso e teológico. Entende-se com ela que há um modelo de homem e que somos as variações desse modelo.

A concepção naturalista, forte na Idade Moderna, é fruto das descobertas científicas e do pensamento de Descartes e Locke. O homem é definido a partir de sua dualidade psicofísica, ou seja, a partir de uma substância pensante e outra biológica ou corporal. O homem torna-se produto das



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



3. A Condição Humana

Conhecer o homem não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele. (...) todo conhecimento, para ser pertinente, deve contextualizar seu objeto. "Quem somos nós?" é inseparável de "Onde estamos, de onde viemos, para onde vamos?". Pascal já nos havia situado, corretamente, entre dois infinitos, o que foi amplamente confirmado no século XX pela dupla evolução da Microfísica e da Astrofísica. Conhecemos hoje nosso duplo enraizamento: no cosmo físico e na esfera viva. Claro, novas descobertas ainda vão modificar nosso conhecimento, mas, pela primeira vez na História, o ser humano pode reconhecer a condição humana de seu enraizamento e de seu desenraizamento.

Em meio à aventura cósmica, no extremo do prodigioso desenvolvimento de um ramo singular de auto-organização viva, prosseguimos, à nossa maneira, na aventura da organização. Essa época cósmica da organização, incessantemente sujeita às forças da desorganização e da dispersão, é, também, a época da reunião, e só ela impediu que o cosmo se dispersasse e desaparecesse, tão logo acabara de nascer. Nós, viventes, e, por conseguinte, humanos, filhos das águas, da Terra, e do Sol, somos um feto da diáspora cósmica, algumas migalhas da existência solar, uma ínfima brotação da existência terrestre (...).

Os novos conhecimentos, que nos levam a descobrir o lugar da Terra no cosmo, a Terra-sistema, a Terra-Gaia ou biosfera, a Terra-pátria dos humanos, não têm sentido algum enquanto isolados uns dos outros. A Terra não é a soma de um planeta físico, de uma biosfera e da humanidade. A Terra é a totalidade complexa físico-biológico-antropológica, onde a vida é uma emergência da história e da vida terrestre. A relação do homem com a natureza não pode ser concebida de forma reducionista, nem de forma disjuntiva. A humanidade é uma entidade planetária e biosférica (...). Tudo isso nos coloca diante do caráter duplo e complexo do que é humano: a humanidade não se reduz absolutamente à animalidade, mas, sem animalidade, não há humanidade (...). O ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural. (MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem-feita*. São Paulo: Bertrand Brasil, 17 ed. 2010).

4. Paradoxo

O ser humano é ambivalente. Conhecido e estranho, próximo e distante, transparente e opaco. O ser humano canta e protesta, dança e agride, congrega e dispersa (...). O ser humano expande-se festivamente e tranca-se amargamente. É lógico e ilógico. O ser humano é linguagem pluriforme. Fala e silencia, grita e emudece, gargalha e enclausura-se. O ser humano é palavra ofertada e palavra recusada. E recusar a palavra aos outros é rejeitá-los. O ser humano é fonte exuberante de comunicação, e também núcleo rígido de incomunicação. Comunicabilidade e Incomunicabilidade são duas faces do existir humano. O ser humano é diálogo fecundo e monólogo estéril (...).

O ser humano é fértil em criações. Cria vida, saúde, pão, paz, ciência e tecnologia. Mas o ser humano é também niilista. Incinera o mundo. Basta ver a guerra. O ser humano constrói maravilhas, mas também pode arrasá-las. Planta semente e desintegra a germinação. (...) O ser humano sente necessidade de convivência social e solidariedade. Mas é também antissocial. A discriminação, o fanatismo e o sectarismo esfiapam o tecido da sociabilidade. (...) O ser humano cativo com afeição e algema com servidão. (...)



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



O ser humano é oscilante. É paradoxo. Avança e recua, atrai e expulsa, ergue-se e recai, edifica e pulveriza, arrisca-se e amoita-se. O ser humano não é apenas herança. É decisão. É gênese existencial. É conquista de todos os dias. Lidar com o ser humano é lidar com o paradoxo. (...)

Para compreender o ser humano é preciso vê-lo como processo, como fenômeno em andamento. A visão fixista estratifica o ser humano e mumifica-lhe o real significado. O ser humano pulsa, está em mutação. É cachoeira de decisões. Jamais concluído. (ARDUINI, Juvenal. Ousar para Reinventar a Humanidade. São Paulo: Paulus, 2002)

Sobre Edgar Morin

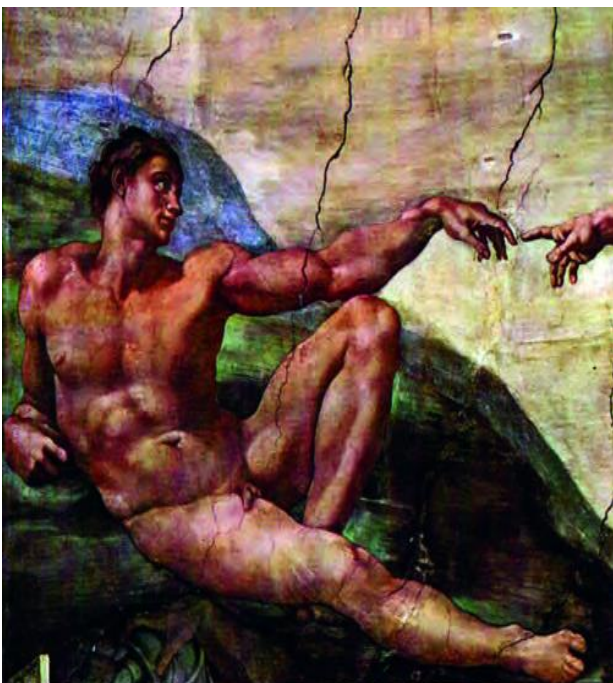
Sociólogo e filósofo francês pesquisador emérito do CNRS (*Centre National de La Recherche Scientifique*). Formado em Direito, História e Geografia, iniciou-se na Filosofia, na Sociologia e na Epistemologia. É autor de mais de 30 livros, entre eles: *O método; Introdução ao pensamento complexo; Ciência com consciência; e Os sete saberes necessários para a Educação do futuro*. Durante a Segunda Guerra Mundial, participou da Resistência Francesa. É considerado um dos pensadores mais importantes do século XX. Entre suas obras, destacam-se *Cultura de Massas no Século XX* e *Para sair do século XX*.

5. O HOMEM CONCRETO E O EXISTENCIALISMO

O século XX assistiu ao advento de vários movimentos intelectuais inovadores, com destaque para o estruturalismo e o existencialismo. No primeiro, o homem é percebido como determinação da estrutura social, cultural e histórica; no segundo, como um projeto, um ser condenado a ser livre, como diria o existencialista Jean Paul Sartre (1905-1980). Tais concepções foram influenciadas pelo marxismo europeu, que via a cultura como produto de determinações históricas do processo econômico, mas que também via no homem o agente capaz de atuar na História pela vontade política.

6. Texto Filosófico: O existencialismo

(...) Para o existencialismo, o homem não é o seu próprio fim, uma vez que não existe senão enquanto se projeta para além de si mesmo. Segundo o existencialismo, o homem existe antes de ser. O homem deve dar à sua existência um sentido, uma vez que não é senão aquilo que ele próprio faz de si mesmo; ser é escolher-se através de um livre compromisso. O homem é "liberdade absoluta": "está condenado a ser livre". Desta situação resulta a angústia como experiência metafísica consubstanciada no sentimento da possibilidade de o homem perder a sua própria existência; através da angústia, o homem experimenta o nada e pressente a incerteza das escolhas que o conduzirão ao ser. A existência é lançada num total abandono de si mesma; isto equivale a dizer que é absoluta liberdade, na medida em que depende exclusivamente de si. Liberdade significa, assim, contingência absoluta e, através dela, define-se o ser da existência. Daqui





APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



se conclui que a existência nunca poderá ser apreendida senão sob a forma de uma história; em cada instante, o homem está condenado a inventar o homem. **O existencialismo é, assim, uma filosofia que tem como objetivo a análise e a descrição da existência concreta considerada como ato de uma liberdade, que se constitui afirmando-se e que tem unicamente como gênese ou fundamento esta afirmação de si.**

Esta corrente filosófica desenvolveu-se, na Europa, entre as duas guerras mundiais; constitui uma reação contra todas as formas de alienação do homem; este não é um mero ente, mas antes um existente. Não é algo que possa ser determinado objetivamente; o seu ser é um constituir-se contínuo de si mesmo. O homem não é, pois, nenhuma substância, susceptível de ser determinada objetivamente. No processo da sua constituição existencial, o homem pode gerar o âmbito de inteligibilidade que lhe permitirá compreender-se a si mesmo e à sua situação com os outros, no mundo.

O existencialismo é, primordialmente, um modo de entender a existência enquanto existência humana; a sua atenção centra-se na análise da existência. Este vocábulo designa o modo de estar-no-mundo do próprio homem; enquanto existência, o homem está sempre ligado ao mundo. O mundo manifesta-se nas estruturas que constituem o homem como existência; mas o homem está intimamente ligado aos outros homens. Se a existência se refere sempre a uma situação, também a coexistência, a comunicação e a alteridade constituem uma referência fundamental do homem: existir é sempre ser-com. Pour-soi, em Sartre, Existenz, em K. Jaspers, Dasein, em Heidegger, são termos que traduzem a existência concreta que não se pode captar pela razão. A existência é uma realidade individual, singular, subjetiva e finita que não se define nem se traduz conceptualmente. Esta filosofia dirige-se ao existente singular em ordem a compreendê-lo como possibilidade e como projeto; neste sentido, a existência está intimamente ligada à temporalidade.

O existencialismo surgiu como reação contra as construções filosóficas sistemáticas que dissolviam o homem na série das abstrações, despersonalizando-o; é, por outro lado, uma reação contra os resultados das ciências positivas que estudaram o homem em vários domínios, perdendo de vista a unidade da sua realidade concreta, enquanto autor de um destino individual; constitui também uma reação perante uma sociedade cada vez mais orientada pela técnica que dissolveu o homem num complexo de funções; foi por isso que o existencialismo assumiu uma forma de humanismo, apontando para uma valorização pessoal e responsável do homem através de uma abertura temporal para o mundo em moldes exclusivamente terrenos, negadores de qualquer Transcendência (existencialismo fechado – Sartre), ou admitindo uma abertura ao Absoluto (existencialismo aberto – G. Marcel, K. Jaspers). Kierkegaard procurou a valorização do homem num sentido espiritualista, mas em nítida oposição a Hegel; Nietzsche, num sentido materialista.

O existencialismo é uma corrente caracterizada por um irracionalismo extremo, ao chamar a atenção para a insuficiência dos processos da razão na compreensão dos problemas especificamente humanos, contribuindo para suscitar um novo conceito de razão, abrindo novos caminhos para a ontologia.

A caracterização fundamental do existencialismo reside, assim, na análise da existência na modalidade de ser-aberto-para-as-coisas-do-mundo, no qual essas coisas se consciencializam; tal existência é o homem concreto, em situação, aberto para as coisas do mundo e para os outros homens. Esta existência cria a sua própria essência num desenvolvimento livre através do tempo. A existência não é uma atualidade absoluta, mas essencialmente temporal; está lançada para fora de si numa construção de si mesma e do seu mundo. Ganhando consciência de si e das suas possibilidades, a existência só é autenticamente na sua temporalização. A prioridade da existência sobre a essência significa que a existência não tem essência distinta dela mesma, ou seja, que esta essência não é mais do que a manifestação das possibilidades da existência desenvolvidas através



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



do tempo. Na sua realização, a existência depende exclusivamente de si mesma e, por isso, é essencialmente liberdade; neste seu desenvolvimento livre, é responsável, devido ao seu compromisso com os outros na realidade concreta do viver; daqui brota a angústia, a insegurança e a inquietação. Só o homem é capaz desta "ex-sistência"; por isso, o existencialismo é uma filosofia do homem e, neste sentido, um humanismo.

Uma característica comum a todas as filosofias da existência reside no fato de repousarem na vivência pessoal da existência. Esta não se pode captar pela razão, referida ao geral e constituindo um sistema. As filosofias da existência dirigem-se, assim, ao existente singular, mas não como fato empírico nem como ideia abstrata; propõem-se compreendê-lo como possibilidade no seu profundo donde são extraídas as suas realizações; o homem não está encerrado em si mesmo; como realidade inacabada, está intimamente ligado ao mundo que se manifesta nas estruturas que constituem o homem como existência; mas estas estruturas são os modos possíveis de relacionamento do homem com o mundo.

As principais categorias das filosofias existenciais que passaram para a literatura existencialista são a subjetividade, a temporalidade, o nada, a angústia, a comunicação, o paradoxo, a ambiguidade, a contingência, a autenticidade, a liberdade, a alienação, a escolha, a decisão, a situação, o compromisso, o estar-no-mundo, a morte, o fazer-se a si mesmo, o fracasso e a esperança. (Cassiano Reimão – filósofo português)

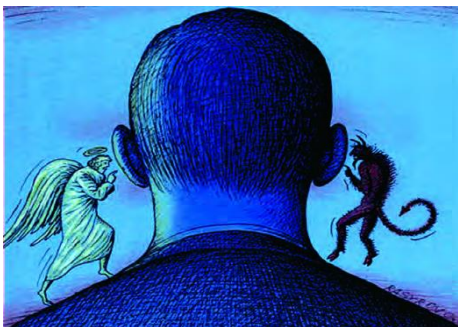
5

Situação de Aprendizagem 16 ÉTICA E BIOÉTICA

1. Introdução

A filosofia sempre importou o problema da convivência humana. Esta resulta em relações de solidariedade e conflitos e, por isso, implica uma dimensão moral e ética. Mais do que um simples conjunto de regras sociais, a moral e a ética fazem emergir o bom senso e a aplicação da experiência acumulada pelo indivíduo, pela comunidade em que vive e pela história da humanidade como um todo.

As religiões desenvolveram códigos morais e éticos, mas, se de um lado elas pretenderam facilitar a convivência, por outro, foram e são motivos de inúmeros conflitos entre diferentes grupos. Assim, quando se fala em ética ou em moral, não se está imune às contrariedades e conflitos humanos, já que os homens portam experiências e culturas tão diversas. Além disso, há o problema dos interesses. Muitos guardam os interesses pessoais acima dos coletivos; outros prezam apenas os interesses de classe, ou ainda, há os que se colocam os interesses do grupo específico acima dos humanitários. Tudo isso torna difícil a convivência entre os homens.



O homem é portador de um senso moral que lhe permite discernir o certo do errado.

2. Moral e Ética

A confusão que acontece entre as palavras Moral e Ética existe há muitos séculos. A própria etimologia destes termos gera confusão, sendo que Ética vem do grego "ethos", que significa modo de ser, e Moral tem sua origem no latim, que vem de "mores", significando costumes. Esta confusão pode ser resolvida com o esclarecimento dos dois temas, sendo que a Moral é um conjunto de normas que regulam o comportamento do homem em sociedade, e estas normas são adquiridas pela educação, pela



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



tradição e pelo cotidiano. Durkheim explicava Moral como a “ciência dos costumes”, sendo algo anterior a própria sociedade. A Moral tem caráter obrigatório.

Já a palavra Ética, Motta (1984) definiu como um “conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social”, ou seja, Ética é a forma que o homem deve se comportar no seu meio social.

A Moral sempre existiu, pois, todo ser humano possui a consciência Moral que o leva a distinguir o bem do mal no contexto em que vive. Surgindo realmente quando o homem passou a fazer parte de agrupamentos, isto é, surgiu nas sociedades primitivas, nas primeiras tribos. A Ética teria surgido com Sócrates, pois se exige maior grau de cultura. Ela investiga e explica as normas morais, pois leva o homem a agir não só por tradição, educação ou hábito, mas principalmente por convicção e inteligência. Vásquez (1998) aponta que a Ética é teórica e reflexiva, enquanto a Moral é eminentemente prática. Uma completa a outra, havendo um inter-relacionamento entre ambas, pois na ação humana, o conhecer e o agir são indissociáveis.

Em nome da amizade, deve-se guardar silêncio diante do ato de um traidor? Em situações como esta, os indivíduos se deparam com a necessidade de organizar o seu comportamento por normas que se julgam mais apropriadas ou mais dignas de ser cumpridas. Tais normas são aceitas como obrigatórias, e desta forma, as pessoas compreendem que têm o dever de agir desta ou daquela maneira. Porém o comportamento é o resultado de normas já estabelecidas, não sendo, então, uma decisão natural, pois todo comportamento sofrerá um julgamento. E a diferença prática entre Moral e Ética é que esta é o juiz das morais, assim Ética é uma espécie de legislação do comportamento Moral das pessoas. Mas a função fundamental é a mesma de toda teoria: explorar, esclarecer ou investigar uma determinada realidade.

A Moral, afinal, não é somente um ato individual, pois as pessoas são, por natureza, seres sociais, assim percebe-se que a Moral também é um empreendimento social. E esses atos morais, quando realizados por livre participação da pessoa, são aceitos, voluntariamente.

Pois assim determina Vásquez (1998) ao citar a Moral como um “sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal”.

Enfim, Ética e Moral são os maiores valores do homem livre. Ambos significam “respeitar e venerar a vida”. O homem, com seu livre arbítrio, vai formando seu meio ambiente ou o destruindo, ou ele apoia a natureza e suas criaturas ou ele subjuga tudo que pode dominar, e assim ele mesmo se torna no bem ou no mal deste planeta. Deste modo, Ética e a Moral se formam numa mesma realidade. **(Thiago Firmino Silvano)**

3. Texto Filosófico - Ética Pessoal e Ética Corporativa: limites e desafios

Atualmente, a palavra “ética” tem se tornado uma “expressão” muito usada no cotidiano das pessoas, nas empresas e nas corporações, pela sua constante exposição pela mídia e pelos impactos promovidos por esta. Mas afinal de contas, o que é a ética a que todos se referem? O que é ética corporativa? De que maneira a ética pessoal e a ética corporativa podem interagir? Buscamos respostas para estas questões para verificarmos se de fato entendemos o que é a ética e quais são algumas maneiras de aplicá-la.

Vivemos em uma sociedade onde temos liberdade de expressão e pensamento. A expressão de um indivíduo pode até ser contida, ao passo que o pensamento não pode ser censurado, pode somente ser influenciado. Tais influências são provenientes do meio onde este indivíduo vive, da sua cultura, da sua



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



educação, da sua interação com a sociedade, e de suas relações interpessoais. A ética adotada pode ser por ele mesmo modificada em razão da mudança de valores e parâmetros que a sustentava, assim sendo, o liberal do passado pode ser o conservador do futuro, e vice-versa. Um fato que é apreciado por mais de um telespectador, dificilmente será interpretado e valorado de forma idêntica por todos eles. Conforme diz o ditado “cada cabeça uma sentença”.

A ética pessoal funciona como uma bússola para um indivíduo, orientando-o a proceder conforme um juízo de valor pré-adotado por ele mesmo. A sua liberdade de pensamento cria no íntimo de sua consciência uma espécie de “laboratório privado”, onde situações passam por análises internas que visam moldar sua concepção sobre um determinado assunto. Este molde é o seu ponto de vista, não necessariamente imutável e definitivo, pois a ética de interpretá-lo vai depender da ótica que o indivíduo estiver adotando. Em se tratando de limites no campo da ética pessoal, podemos citar o respeito que devemos ter à ética adotada pelo próximo, o respeito à dignidade humana e aos princípios de cada cultura. Temos que estar sempre atentos para não invadirmos a liberdade do próximo, pois o que pode estar certo para você pode não estar para o outro.

A ética corporativa, por sua vez, abraça a ideia de coletividade. A ética de uma corporação é a maneira como ela deve proceder em sociedade, e o que a define ou a constrói é a soma das éticas pessoais que a compõem. Sendo assim, a ética corporativa é formada por indivíduos unidos por um fim comum de pensamentos e ideias, que possuem uma mesma concepção no modo de realizá-los, estando sujeitos a “regulamentos” que vão fornecer procedimentos adequados a serem seguidos. A busca pela ética nas empresas também impõe limites: a empresa realmente está adotando uma postura ética ou está apenas fazendo um trabalho de marketing? Poderíamos citar inúmeros exemplos de empresas que ajudam a sociedade nos mais variados programas, mas muitas vezes isso acaba sendo uma simples ação de seu interesse próprio e não um trabalho social. Por outro lado, podemos dizer que algumas empresas de fato apresentam uma boa conduta, estando preocupadas com a disposição correta de resíduos gerados por seus processos produtivos, na verificação de se os produtos que vêm desenvolvendo podem ser nocivos ao ser humano e ao meio ambiente, entre outros. Isso caracteriza corporações que dão exemplos à comunidade e aos seus colaboradores do que é ter uma boa conduta ética. Uma das consequências positivas desta boa conduta é que essas pessoas, ao incorporarem a imagem correta de ética, estenderão esses conceitos para dentro de suas casas e continuarão dando bons exemplos para a vizinhança próxima. Quando tratamos de corporações éticas, podemos usar o jargão “o exemplo deve vir de cima”. Se os superiores não realizam suas atividades dentro dos padrões morais da sociedade, como eles poderão exigir que seus funcionários façam o mesmo? Este é um dos desafios que as corporações precisam enfrentar. É necessário que os seus superiores sejam exemplos, referências de boa índole, para que desse modo todos os membros da corporação entrem no “espírito ético” da empresa.

WHITAKER coloca como objetivos dos códigos de ética em Porque as empresas estão implantando códigos de ética, como podemos “garantir homogeneidade na forma de encaminhar questões específicas” se até hoje existe discriminação entre o alto escalão e o chão de fábrica dentro das empresas? Verdade seja dita, nem todas as censuras aplicadas a um valem para o outro. Enquanto para um uma situação pode ser permitida, para o outro pode significar uma demissão por justa causa. E onde fica a ética? “Facilitar o desenvolvimento da competitividade saudável entre concorrentes”. Como conseguir isso dentro do capitalismo selvagem que existe hoje? Será que a solidariedade, a gentileza e a cortesia podem ditar regras entre empresas que possuam o mesmo mercado?

Dentro desses conceitos, como definir se uma pessoa é ética? Como definir se uma corporação é ética? O que mencionamos pode criar indivíduos e corporações éticas? A única certeza que podemos ter é a de que uma solução ideal não existe. Não há como criar uma cartilha especificando o que as pessoas devem ou não fazer no



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



âmbito pessoal. Já no âmbito corporativo, podemos tentar realizar algo nesse sentido, com a criação de um “código de ética”, por exemplo. Fica claro que a empresa torna-se ética perante a sociedade com as ações que citamos anteriormente, mas é necessário que as pessoas dentro dela possuam princípios e valores, que respeitem umas às outras e que saibam conviver em harmonia, sabendo separar, através dos princípios e valores da corporação, o que é certo e o que é errado para o bem de todos que trabalham naquele ambiente. É a interação entre as éticas pessoal e corporativa.

Ficam estas, entre tantas outras questões, para serem pensadas e refletidas, a respeito da ética perfeita que se tem em teoria, mas que na prática não funciona da mesma maneira. Os limites e desafios de fato existem, mas há que se buscar uma convergência ética pessoal e corporativa verdadeira para que as empresas não sofram os mesmos “efeitos colaterais” que empresas sofreram no passado. **(Julianne O. Capucho e Manoel Flávio Leal)**

4. Autoética – Uma breve introdução

Minha autoética baseia-se sobretudo na “fé” no amor, na compaixão na fraternidade no perdão e na redenção que marcou minha adolescência. Mas minha “fé” na redenção é desde então estritamente individual. (Edgar Morin). Autoética é um termo criado pelo pensador francês contemporâneo Edgar Morin, pensador francês contemporâneo, o maior expoente do chamado pensamento complexo. Complexo vem de complexus, termo do latim que significa aquilo que é tecido junto, ou seja, o conjunto de muitos elementos, de várias partes, interdependentes e indissociáveis. Morin identifica no mundo moderno uma forma de se produzir conhecimento errado, pois é marcado pela disjunção entre os saberes e, assim, produz-se conhecimento e ignorância simultaneamente. A ciência está separada da filosofia ou a especialização da reflexão; a razão da emoção ou do imaginário; cultura científica da humanista, assim, as ciências naturais das humanas; a prosa da poesia, e a arte foi relegada a um plano de mera função de entretenimento. O pensamento complexo propõe uma religação dos saberes, sem negar a especificidade de cada área, pretendendo construir um conhecimento transdisciplinar.

Morin também se preocupa com a dimensão ética do conhecimento e escreveu, entre outros tantos, o livro *Ciência com consciência*. O pensador escreve e fala muito sobre ética, ampliando o conceito e devolvendo-lhe a dimensão humanista, pois o termo ficou desgastado com as colocações formais e técnicas na área profissional e política.

Assim, Morin destaca a necessidade de reformar o pensamento e a educação nas escolas e seus efeitos já estão presentes no mundo todo, inclusive no Brasil, país que visita com frequência. Ele pretende que a sociedade produza “cabeças bem-feitas” no lugar de “cabeças bem cheias”, priorizando a qualidade e não a quantidade de conhecimento. Esse novo saber produziria, para o autor, pessoas responsáveis e capazes de atuar eticamente em suas existências muito pessoais.

5. Texto filosófico - Uma ética complexa

Eis, portanto, uma ética sem outro fundamento senão ela mesma, mas que precisa de apoios exteriores a ela mesma: precisa se alimentar de uma fé, apoiar-se em uma antropologia e conhecer condições e situações em que é praticada. É uma ética da compreensão. É uma ética que não impõe uma visão maniqueísta do mundo. É uma ética sem salvação, sem promessa. É uma ética da comunidade de perdição. É uma ética que encontra em



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



seu seio sempre a incerteza e a contradição. É uma ética do desafio. É uma ética que nos reclama exigência conosco e indulgência com o outro, e não o inverso.

Na autoética, a consciência moral necessita, por um lado, de uma fé ou de uma mística que a inspirem, por outro, o exercício permanente de uma consciência esclarecedora. A moral é uma iluminação que precisa ser iluminada pela inteligência, e a inteligência é uma iluminação que precisa ser iluminada pela moral. Daí o sentido da frase de Pascal, “trabalhar para bem pensar, eis o princípio da moral”. A ética deve mobilizar a inteligência para enfrentar a complexidade da vida, do mundo e da própria ética.

Assim, não é uma norma arrogante nem um evangelho melodioso o que anuncia a autoética que faço minha: é o enfrentamento da dificuldade de pensar e de viver. O sentido que lhe darei, finalmente, se for preciso um termo que possa englobar todos os seus aspectos, é a resistência à crueldade do mundo. **(Edgar Morin)**



Edgar Morin, o maior expoente da teoria da complexidade.

6. A reforma do pensamento

Moral, solidariedade, responsabilidade, não podem ser ditas de forma abstrata; não podemos enfiá-las no espírito como empanturramos as aves para engordá-las. Elas devem ser induzidas pelo modo de pensar e pela experiência vivida. O pensamento que religa mostra a solidariedade dos fenômenos. O pensamento que nos religa ao cosmo não nos reduz ao estado físico. Não, é um pensamento que nos mostra nossas origens físico-cósmicas. Ora, um pensamento que religa nos restitui a solidariedade. O que é que destrói a solidariedade e a responsabilidade? É o modo compartimentado e parcelado no qual vivemos não somente os especialistas, técnicos, experts, mas também aqueles que são compartimentados nas administrações e burocracias. Se nós perdemos de vista o olhar em relação ao conjunto no qual trabalhamos e, bem entendido, a cidade na qual vivemos, nós perdemos de fato o senso de responsabilidade. A reforma do pensamento pode despertar as aspirações e o senso de responsabilidade inato em cada um de nós, fazer renascer o sentimento de solidariedade que se manifesta talvez particularmente em alguns, mas que é latente em todo ser humano. A reforma do pensamento e a reforma do ensino não são os únicos elementos que podem agir nesse sentido, mas representam um elemento constitutivo essencial. Uma segunda consequência importante do ponto de vista ético é que o pensamento transdisciplinar nos incita à ética da compreensão. Um ser humano é uma galáxia; ele não é apenas extraordinariamente complexo, mas possui sua multiplicidade interior. Sem a compreensão, não há civilização possível. Nós somos ainda bárbaros em relação ao processo e à ética da compreensão. Fenômenos de barbárie surgem em diversos pontos do globo; isso pode aparecer em nossa casa. No nosso país dito civilizado, sentimos ou pressentimos que as consequências éticas de uma reforma de pensamento são



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

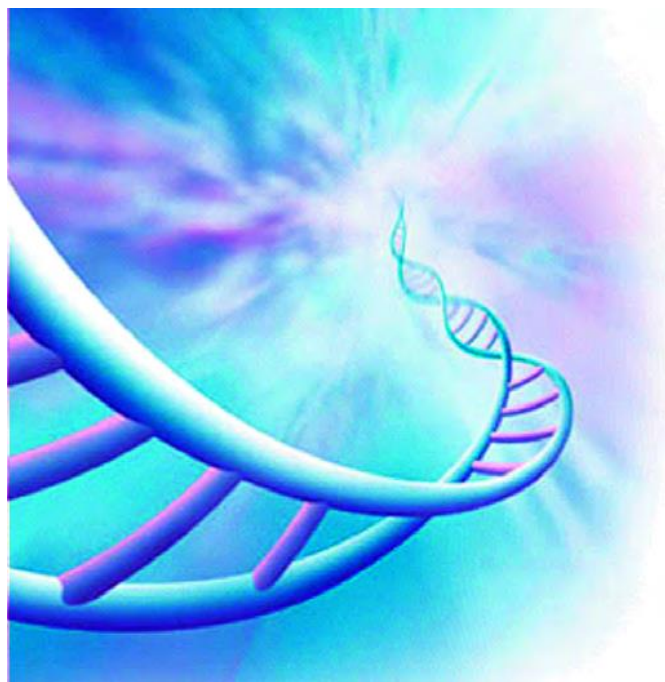
2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



incau láveis. É por isso que efetivamente nós nos damos conta de que a reforma da Universidade traz em si as virtualidades que transcendem a reforma da Universidade em si mesma. **(Edgar Morin. Tradução: Prof.a Regina Ramos)**

7. INTRODUÇÃO A BIOÉTICA

A Bioética é uma palavra muito nova, formada por duas raízes gregas: bios (vida) + ethos (relativo à ética). Segundo Diniz & Guilhem, "(...) por ser a bioética um campo disciplinar compromissado com o conflito moral na área da saúde e da doença dos seres humanos e dos animais não humanos, seus temas dizem respeito a situações de vida que nunca deixaram de estar em pauta na história da humanidade (...)"



Nos últimos anos, a humanidade deu grandes passos no desenvolvimento da genética

Entre os valores inerentes à condição humana está a vida. Embora a sua origem permaneça um mistério, tendo-se conseguido, no máximo, associar elementos que a produzem ou saber que em certas condições ela se produz, o que se tem como certo é que sem ela a pessoa humana não existe como tal, razão pela qual é de primordial importância para a humanidade o respeito à origem, à conservação e à extinção da vida.

O que hoje pode ser afirmado com argumentos sofisticados, após milênios de reflexões e discussões filosóficas, foi pensado ou intuído pela humanidade há milhões de anos e continua presente no modo de ser de todos os grupos humanos, tanto naqueles que se consideram mais avançados como nos que vivem em condições julgadas mais rudimentares, como os grupos indígenas que ainda vivem isolados nas selvas. Como foi assinalado por Aristóteles e por muitos outros pensadores, e as modernas ciências que se ocupam do ser humano e de seu comportamento o confirmam, o ser humano é associativo por natureza. Por necessidade material, psíquica (aqui incluídas as necessidades intelectuais e afetivas), espiritual, todo ser humano depende de outros para viver, para desenvolver sua vida e para sobreviver. A percepção desse fato é que faz da vida um

8. Bioética e Direitos humanos A vida humana como valor ético Por Dalmo de Abreu Dallari

"Qualquer ação humana que tenha algum reflexo sobre as pessoas e seu ambiente deve implicar o reconhecimento de valores e uma avaliação de como estes poderão ser afetados. O primeiro desses valores é a própria pessoa, com as peculiaridades que são inerentes à sua natureza, inclusive suas necessidades materiais, psíquicas e espirituais. Ignorar essa valoração ao praticar atos que produzam algum efeito sobre a pessoa humana, seja diretamente sobre ela ou através de modificações do meio em que a pessoa existe, é reduzir a pessoa à condição de coisa, retirando dela sua dignidade. Isto vale tanto para as ações de governo, para as atividades que afetem a natureza, para empreendimentos econômicos, para ações individuais ou coletivas, como também para a criação e aplicação de tecnologia ou para qualquer atividade no campo da ciência.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



valor, tanto nas sociedades que se consideram mais evoluídas e complexas quanto naquelas julgadas mais simples e rudimentares.

Desse modo, reconhecida a vida como um valor, foi que se chegou ao costume de respeitá-la, incorporando-a ao *ethos* de todos os povos, embora com algumas variações decorrentes de peculiaridades culturais. Assim, independentemente de crenças religiosas ou de convicções filosóficas ou políticas, a vida é um valor ético. Na convivência necessária com outros seres humanos cada pessoa é condicionada por esse valor e pelo dever de respeitá-lo, tenha ou não consciência do mesmo. A par disso, é oportuno lembrar que tanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos, editada pela ONU em 1948, quanto os Pactos de Direitos Humanos que ela aprovou em 1966 proclamam a existência de uma dignidade essencial e intrínseca, inerente à condição humana. Portanto, a vida humana é mais do que a simples sobrevivência física, é a vida com dignidade, sendo esse o alcance da exigência ética de respeito à vida, que por corresponder, entre outras coisas, ao desejo humano de sobrevivência, está presente na ética de todas as sociedades humanas.

A ética de um povo ou de um grupo social é um conjunto de costumes consagrados, informados por valores. A partir desses costumes é que se estabelece um sistema de normas de comportamento cuja obediência é geralmente reconhecida como necessária ou conveniente para todos os integrantes do corpo social. Se alguém, por conveniência ou convicção pessoal, procura contrariar ou efetivamente contraria uma dessas normas tem comportamento antiético, presumivelmente

9. Sobre a Clonagem - REPRODUÇÃO HUMANA EM LABORATÓRIO (Por José Jorge Ribeiro Meirelles)

O que leva os cientistas a pesquisar e aplicar com êxito a reprodução da vida de forma artificial? Sem dúvida que é a necessidade. Portanto a abordagem ética terá que avaliar esta necessidade distinguindo as motivações aceitáveis, corretas daquelas injustificáveis. Outro aspecto realmente dentro desta abordagem é o conceito de utilidade. Argumenta-se que a utilidade da clonagem humana seria para produzir órgãos para transplantes, tão escassos hoje. Ora, o ser humano não é um produto útil onde se usa o que precisa e descarta o que não serve. 'Os valores morais existem unicamente em atos ou produtos humanos'. A utilidade deve ser descartada como critério para a reprodução humana via clonagem.

10. CONSEQUÊNCIAS ÉTICAS DA REPRODUÇÃO POR MEIO DA CLONAGEM

"Compete à ética preocupar-se com o desenvolvimento e o bem-estar de cada órgão, não só em si mesmo, mas em função de todo humano. A Bioética tem o grande desafio de colocar a questão da clonagem humana observando seus aspectos positivos e negativos. Que consequências a curto, médio e longo prazo, trarão a clonagem humana? Nem as ciências biológicas sabem dar uma resposta. Nenhum ser humano foi clonado para se aferir as vantagens e desvantagens desta técnica. Sabe-se que a ovelha Dolly, clonada na Inglaterra com sucesso, já apresenta sinais de envelhecimento precoce. O maior questionamento em torno da clonagem humana passa pela ideia da eugenia. Foi esta ideia que moveu Adolf Hitler a levar uma nação a odiar judeus e negros, pregando a purificação da raça humana com a ascensão da raça ariana ao poder. As motivações utilitárias e econômicas de cientistas e grupos de geneticistas passam pela ideia de se criar uma raça humana futura de seres superdotados e isentos de qualquer imperfeição no seu genoma. As pessoas portadoras destas 'imperfeições' serão preteridas em relação às clonadas. O acesso a estes recursos será reservado a uma minoria que dispõe de condições financeiras para tal. Uma porcentagem muito pequena de superdotados terá o controle sobre a totalidade dos seres humanos, visto que é portadora de caracteres tidos por superiores."



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



Exercícios Filosóficos para Reflexão e Fixação

1. O homem é "liberdade absoluta": "está condenado a ser livre". Dessa situação, resulta a angústia como experiência metafísica consubstanciada no sentimento da possibilidade de o homem perder a sua própria existência; por causa da angústia, o homem experimenta o nada e pressente a incerteza das escolhas que o conduzirão ao ser. A existência é lançada num total abandono de si mesma; isso equivale a dizer que é absoluta liberdade, na medida em que depende exclusivamente de si. De acordo com o texto:

- I. Liberdade é o contrário de angústia.
- II. A liberdade representa a condição primeira do homem.
- III. A angústia é causada pela incerteza diante das escolhas e essas resultam da nossa liberdade.
- IV. O homem concreto não tem chances de escolha e por isso experimenta a angústia

São coerentes:

- a) apenas I e III.
- b) apenas II e IV.
- c) apenas I e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) apenas II e III.

2. (UFU) – Segundo Jean Paul Sartre, filósofo existencialista contemporâneo, liberdade é

I. escolha incondicional que o próprio homem faz de seu ser e de seu mundo.

II. aceitar o que a existência determina como caminho para a vida do homem.

III. sempre uma decisão livre, por mais que se julgue estar sob o poder de forças externas.

IV. estarmos condenados a ela, pois é a liberdade que define a humanidade dos humanos.

- a) se apenas I e IV estiverem corretas.
- b) se apenas II e III estiverem corretas.
- c) se apenas I, II e IV estiverem corretas.
- d) se apenas III e IV estiverem corretas.
- e) se apenas I, III e IV estiverem corretas.

3. (UFU) – Liberdade, para Jean Paul Sartre (1905-1980), seria assim definida:

- a) o estar sob o jugo do todo para agir em conformidade consigo mesmo, instaurando leis e normas necessárias para os indivíduos.
- b) circunstâncias que nos determinam e nos impedem de fazer escolhas de outro modo.
- c) conformação às situações que encontramos no mundo e que nos determinam.
- d) escolha incondicional que o próprio homem faz de seu ser e de seu mundo. "Estamos condenados à liberdade", segundo o autor.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



4. (UFU) – O nada, impensado para Parmênides, encontrou em Sartre valor ontológico, pois o nada é o ponto de partida da existência humana, uma vez que não há nenhuma anterioridade à existência, nem mesmo uma essência. Essa tese apareceu no livro *O Ser e o Nada*. Tal afirmação encontra-se também em outro livro, *O existencialismo é um humanismo*, no qual está escrito: "Porém, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência." SARTRE, J.P. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. De Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 6. Coleção Os Pensadores. A responsabilidade para Sartre diz respeito
- ao indivíduo para consigo mesmo, já que o existencialismo é dominado pelo conceito de subjetividade que restringe o sujeito da ação à sua esfera interior, circunscrita pelas suas representações arbitrárias, que exclui o outro; toda escolha humana é a escolha por si próprio.
 - ao vínculo entre o indivíduo e a humanidade, já que para o existencialista, cada um é responsável por todos os homens, pois, criando o homem que cada um quer ser, estaremos sempre escolhendo o bem e nada pode ser bom para um, que não possa ser para todos.
 - à imagem de homem que preexiste e é anterior ao sujeito da ação. É uma imagem tal qual se julga que todos devam ser, de modo que o existencialismo, em virtude da sua origem protestante com Kierkegaard, renova a moral asceta do cristianismo, que exige a anulação do eu.
 - ao partido político que tem a primazia na condução do processo de edificação da nova imagem de homem comprometido com a revolução e que faz de cada um aquilo que deverá ser, tal como ficou célebre no mote existencialista: o que importa é o resultado daquilo que nos fizeram.
5. O existencialismo foi uma corrente de pensamento que fez do homem efetivamente existente o centro e o núcleo das questões filosóficas, e o ponto de partida para a Ontologia; um dos seus mais conhecidos criadores e pensadores, o francês Jean Paul Sartre,
- rejeita toda e qualquer dependência da filosofia de Heidegger.
 - não aceita a metodologia fenomenológica e prefere um discurso filosófico mais próximo do dramático.
 - considera que a existência de Deus é a garantia da plena liberdade humana.
 - define o ser humano como um ser em projeto, inacabado, que se completa nas suas relações de solidariedade com os outros.
 - argumenta que a essência do ser para si é sua própria existência.
6. Em seu tratamento da liberdade, Sartre afirma que esta é um projeto e não um dado da realidade, sendo necessária uma preocupação com o que o autor chama de má fé. Considerando-se a ideia de má fé e de suas consequências para a liberdade, é incorreto afirmar:
- Agir em má fé consiste em viver na seriedade.
 - Agir em má fé representa virar as costas à escolha de si mesmo.
 - Agir em má fé representa uma afirmação do sujeito.
 - Agir em má fé significa uma fuga à responsabilidade da decisão livre.
 - Agir em má fé representa identificar-se com o ser.
7. A melhor definição para ética é:
- um conjunto de valores morais e princípios que norteiam a conduta humana na sociedade.
 - um conjunto de comportamentos corretos e relacionados com a conduta humana.
 - a maneira como os seres humanos se comportam uns com os outros.
 - o princípio fundamental para que o ser humano possa viver em família.
 - um comportamento que se deve ter apenas quando se estiver trabalhando.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



8. A ética serve para que possa existir certo equilíbrio e funcionamento social de qualidade, fazendo com que ninguém saia prejudicado. Neste ponto de vista, a ética, embora não possa ser confundida com as leis, está diretamente voltada para
- a) a educação e a erudição das pessoas.
 - b) o sentimento de justiça social.
 - c) o medo de errar da sociedade.
 - d) a educação dada na infância.
 - e) o pensamento de pessoas que possuem conhecimentos profundos
9. A ética é construída por uma sociedade com base
- a) na genética, pois vai passando de geração a geração.
 - b) na educação que é dada nas escolas.
 - c) nos ensinamentos oferecidos nas faculdades.
 - d) nos meios de comunicação, como TV e rádio.
 - e) nos valores históricos e culturais.
10. (UEL)
- O que significa exatamente essa expressão antiquada: 'virtude'? – perguntou Sebastião.
 - No sentido filosófico, compreende-se por virtude aquela atitude de, na ação, deixar-se guiar pelo bem próprio ou pelo bem alheio – esclareceu o senhor Barros.
 - O bem alheio? – Perguntou Sebastião.
 - Sim – disse o senhor Barros. – É verdade que a coragem e a moderação são virtudes, em primeiro lugar, para consigo mesmo, mas também há outras virtudes, como a benevolência, a justiça e a seriedade ou confiabilidade, ou seja, a qualidade de ser confiável, que são disposições orientadas para o bem dos outros." (TUGENDHAT, Ernst; VICUÑA, Ana Maria; LÓPES, Celso. O livro de Manuel e Camila: diálogos sobre moral. Trad. de Suzana Albornoz. Goiânia: Ed. da UFG, 2002. p. 142.). Com base no texto, é correto afirmar:
- a) As ações virtuosas são reguladas por leis positivas, determinadas pelo direito, independentemente de um princípio de bem moral.
 - b) A virtude limita-se às ações que envolvem outras pessoas; em relação a si próprio, a ação é independente de um princípio de bem.
 - c) A ação virtuosa é orientada por princípios externos que determinam a qualidade da ação.
 - d) Ser virtuoso significa guiar suas ações por um bem, que pode ser tanto em relação a si próprio quanto em relação aos outros.
 - e) As virtudes são disposições desvinculadas de qualquer



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



BIBLIOGRAFIA E SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO

ARANHA, MARIA L. A. Filosofando – introdução à filosofia. São Paulo: Moderna.

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MORIN, Edgar. A Cabeça Bem-feita. São Paulo: Bertrand Brasil, 17 ed. 2010

ARDUINI, Juvenal. Ousar para Reinventar a Humanidade. São Paulo: Paulus, 2002.

SARTRE, J.P. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 6. Coleção Os Pensadores.

TUGENDHAT, Ernst; VICUÑA, Ana Maria; LÓPES, Celso. O livro de Manuel e Camila: diálogos sobre moral. Trad. de Suzana Albornoz. Goiânia: Ed. da UFG, 2002. p. 142.

15

Professor Leandro Andrade da Rocha



Website

www.cogitomagister.blogspot.com



leoandrerocha@hotmail.com



@msleandrorocha



LeandroChamberlain